

**“PROBLEMAS DA SOCIALIZAÇÃO LITERÁRIA HOJE À LUZ DA
TEORIA LITERÁRIA”**

Hartmut Eggert

tradução de Ruth Röhl *
e Susanne Umnirski-Gattaz**

I. Implicações históricas e pressupostos

1.) O termo 'socialização literária' é uma criação análoga a "formação literária", "compreensão literária", "cultura literária" etc. Segundo sua origem ele é, primeiramente, limitado àqueles processos de socialização que habilitam à participação ativa em um âmbito da cultura estética.

2.) Pesquisas sobre a socialização literária precisam certificar-se cada vez mais dos conhecimentos da teoria literária a respeito da "História Social da Literatura" para evitarem continuar caindo em padrões de valorização historicamente limitados e modistas. Pois do ponto de vista histórico-cultural e político-social existe uma relação estreita com o (elevado) conceito de que a "formação literária" gozava na sociedade burguesa, na Alemanha.

3.) A criação do campo de pesquisa é em si consequência da crise da formação literária tradicional no século XX. Com a expansão dos meios de comunicação, intensificaram-se não só as questões básicas sobre o futuro do significado social da cultura literária, como também a teoria literária estendeu seus campos - no decorrer de discussões sobre sua auto-identificação -, colaborando assim na ampliação e historicização de conceitos literários. Essas diferenças ainda não foram suficientemente levadas em consideração na pesquisa sociológica e psicológica. (Ao contrário, na teoria literária domina freqüentemente uma psicologia ingênua *em relação* à sociologia).

4.) A relação entre a socialização literária (no seu sentido restrito e no da socialização geral dos leitores ou da leitura) recebeu pouca atenção, ao passo que se atribuiu um determinado grau de evidência ao uso de textos ficcionais no âmbito particular e nos processos de formação de crianças e jovens (sobretudo de origem burguesa).

A pesquisa do processo de formação de uma competência geral e diferenciada de leitura pode revelar que a socialização literária no sentido restrito desempenha aí um papel muito importante. Pois a porcentagem de

* Professora da USP - Departamento de Letras Modernas

** Mestranda da USP - Departamento de Letras Modernas

crianças e jovens que têm a leitura como atividade voluntária é ainda significativa.

5.) Além do mais, a teoria literária chegou à conclusão, em suas pesquisas referentes à teoria da recepção, que a descrição de traços textuais (e conseqüentes classificações de tipos de textos) não é suficiente para marcar claramente as diferenças entre textos "literários" e "não-literários". O mesmo texto pode ser lido - dependendo da postura e expectativa da leitura - como texto literário ou não-literário. Para a "compreensão literária" existe uma grande dependência em relação ao contexto (vide Viehoff 1988). Além do mais há, no que diz respeito à história da literatura, uma forte relação de interdependência entre os tipos de textos "literários" e "não-literários". (Lembre-se neste caso p. ex. a discussão de historiadores sobre a peculiaridade e o status de textos historiográficos; vide entre outros, Auch Clio dichtet oder Die Fiktion des Faktischen (1986) - Clio também poetiza ou A ficção dos fatos - de Hayden White)

II. Elaboração da teoria e primeiras pesquisas no âmbito da "socialização literária"

1.) A elaboração da teoria separou-se, com muita razão, da teoria que determina as preferências literárias conforme a idade do leitor. Esta tinha sua origem na alta valorização da cultura literária burguesa e acreditava poder relacionar desenvolvimentos físicos com gêneros literários (contos de fada, romances de aventura, dramas, baladas, poemas, romances). Nisso estava implícito um esquema de gêneros literários (em si historicamente mutável) caracterizado pelo aumento de complexidade e reflexividade.

(Esse processo contém em si, provavelmente, o princípio de que toda a ontogênese é uma filogênese encurtada, resumido num antigo slogan da crítica da didática e dos livros de leitura: "Quanto mais jovem a criança, mais velho o gênero literário". Sobre os textos da tradição da oralidade e da literalidade, vide mais abaixo).

2.) Para a captação dos processos na socialização literária e de sua dinâmica psicológica predominam, na mais nova elaboração da teoria, categorias centrais da psicologia e da psicanálise (cognições, emoções, afetos, regressão, sublimação, identificação, projeção, empatia etc.).

O pesquisador da teoria literária pode perceber, através do material de exemplos e pesquisas, que na tematização dos processos receptivos da compreensão literária (em contrapartida à teoria que determina as preferências literárias conforme a idade do leitor) predominam em primeiro lugar as formas da prosa e, em segundo, aquelas que se caracterizam por uma descrição

centrada num protagonista (vide Schön, Literarische Rezeptionskompetenz - Competência na recepção de literatura - 1990). Frequentemente, esta tendência se deve a preferências literárias dominantes ou a aplicações desprezadas de categorias psicológicas/psicanalíticas no esclarecimento de processos de leitura.

3.) Segundo essas primeiras pesquisas teóricas são determinadas ou preferidas formas de prosa que se consolidaram ou formaram predominantemente no século XIX. A literatura da modernidade ou os gêneros literários comprometidos explicitamente com formas tradicionais poéticas e artísticas (p. ex. a poesia) desempenham, em contrapartida, um papel completamente secundário. Isso reflete também uma parcela da história da recepção da psicanálise no âmbito da teoria literária, na qual se prestou muito pouca atenção à forma literária. Ultimamente esse fato mudou (vide Schönau, Einführung in die psychoanalytische Literaturwissenschaft - Introdução à teoria literária psicanalítica - 1991).

4.) Não há por que se estranhar que muitas vezes se tenha a impressão de que as interpretações psicológicas de processos de leitura possam também valer ou não possam ser diferenciadas de processos receptivos de televisão ou de filmes.

O motivo reside, provavelmente, na afinidade maior entre romance e filme (e numa história de gênero mutuamente estimulante), pois a acentuação de critérios normalmente destacados para a cultura literária e, conforme esses critérios, os processos receptivos do romance e da poesia, p.ex., são muito mais significativos. (A não ser que se trate de fenômenos predominantemente psíquicos e não, daqueles da cultura literária.)

5.) Caso se queira pesquisar a formação da competência na recepção literária (e sua contribuição para a competência literária em geral), a qualidade da leitura é um fator primordial.

Já a diferença (terminológica) entre "cultura literária" e "cultura de leitura" se demonstra como limitação da primeira. A leitura de um drama, p. ex., se revela como forma redutiva de características do gênero, segundo as quais o texto é compreendido principalmente como partitura para a realização cênica de uma apresentação teatral. (Deve-se destacar que com isso o contexto da recepção é seriamente modificado para a experiência estética.) Ou: Um leitor de lírica, que não assimila os poemas em suas qualidades linguísticas fonéticas e rítmicas, os reduz ao patamar de afirmações semânticas (ou, mais restritamente, conteudísticas).

A redução de "cultura literária" a "cultura de leitura" pode ter conseqüências para a pesquisa sobre a socialização literária, na medida em que é desprezado o momento "vontade de trabalhar com a língua", mas também "vontade de brincar", "vontade de criar imagens", em relação a textos literários. Segundo as

primeiras pesquisas teóricas da atualidade sobre a recepção literária, é muito mais difícil explicar, p. ex., como alguém se torna amante da poesia do que de romances.

III. Primeiras explicações de processos de socialização

1.) Se se entendem processos de socialização como processos de culturalização, então é imprescindível que se determinem progressos em seu desenvolvimento e seus respectivos parâmetros. Eles não podem ser obtidos apenas através de fenômenos da dinâmica física e social, mas também, e principalmente, através da análise dos objetos culturais. Frequentemente os leitores sabem que não estão em condição de assimilar a obra (falta de competência na recepção).

Bourdieu fala - conforme sua teoria estruturalista - da capacidade de decodificação de formas simbólicas e inclui nisso as formas historicamente mutáveis de sistemas simbólicos. A diferença entre formas de percepção cotidiana e da percepção de formas simbólicas parece, por isso, um campo importante na pesquisa da socialização literária como culturalização de diferentes âmbitos da práxis estética (processos de diferenciação vs. formação contínua de competência).

2.) Um fator primordial na pesquisa da socialização geral de leitores e da leitura consiste na relação entre motivação e competência da leitura. Do ponto de vista da teoria literária deve-se examinar qual seria sua contribuição com base no seu conhecimento da transformação histórica e literária de formas e mudanças sócio-funcionais da literatura.

Assim como a transição de tradições literárias orais para escritas (e maior acessibilidade) causou transformações formais e funcionais, hoje constata-se já nos quartos das crianças a "maquinalização literária". A conseqüente radicalização da privacidade à intimização de literatura levanta novas questões sobre a função comunicativa da arte.

A forma adolescente da leitura particular - "o refúgio do que está pendente" (Messner/Rosebrock) - parece se tornar uma forma dominante na tendência, independente de qualquer idade, à "individualização da recepção". Isso significa uma perda funcional de acesso público e um aumento da comunicação indireta.

3.) Da perspectiva "progresso de desenvolvimento" é necessário tentar a hierarquização de formas e funções de recepção. O compromisso social de normas estéticas (que hoje são inegáveis num pensamento histórico-literário) obriga a pesquisa da socialização literária a examinar criticamente aquelas condições que (1) impedem o acesso à cultura estética e onde (2) práticas culturais são discriminadas sobretudo como práticas de uma camada social.

("Romances para a classe baixa" foi o título crítico de uma publicação de teoria literária nos anos cinquenta, na qual tentava-se revelar que tais produtos eram um instrumento (literário) do poder. Em alguns estudos posteriores, bem intencionados, podia-se ter a impressão de que a leitura desse gênero abriga um valor em si mesmo por implicar - contrário à televisão - uma competência na leitura.)

A pesquisa em relação à socialização literária torna-se apologética e desolada, à medida que questões sobre os valores literários e o sentido da leitura são deixadas de lado. Enquanto processo de culturalização, a socialização literária é um processo completo que deve habilitar à participação em uma cultura literária historicamente mutável e determinar-se com base nesse objetivo - tendenciosamente fora de formações de sentido particulares.

4.) Os estudos comparativos internacionais no âmbito da "cultura da leitura", que se baseiam em sua maior parte em levantamentos quantitativos apresentam, frequentemente, a falha de o significado da cultura literária em cada país (tradições culturais) ser escassamente levado em consideração.

O "olhar untrapassando fronteiras" faz sobretudo sentido quando a particularidade da tradição alemã se torna mais clara. Assim, por exemplo, na comparação com a França, percebe-se que lá a leitura é menos acentuada como meio de "autoconhecimento" e "formação particular de sentido" (e com isso vontade particular de leitura) que na Alemanha, por causa de sua "tradição da interioridade".

Cabe perguntar em que medida a crescente psicologização da pesquisa da recepção ainda permanece nessa tradição ou se ela é um reflexo da individualização acentuada da recepção (também como conseqüência dos meios de comunicação novos) e em que medida as primeiras pesquisas (biografias de leituras e de meios de comunicação) tentam dar conta disso. A integração da pesquisa com formas e funções da socialização literária atual, no amplo campo da história dos meios de comunicação (com a história literária como secção parcial) pode dar-lhe também uma consciência de sua metodologia na perspectiva histórica.